

Regional



FOTOS: ACERVO PESSOAL

BASE DA EXPEDIÇÃO do projeto Paleoantar, na Antártida. Juntos, os pesquisadores localizaram quase uma tonelada de fósseis escondidos sob o gelo, como fragmentos de ossos de dinossauros e vértebras de tubarões

Pesquisadores enfrentam icebergs e frio intenso

Além do frio intenso, a aventura na Antártida representa perigo real aos pesquisadores. A começar pelo revoltoso Mar de Wendell, na Antártida, repleto de icebergs que se soltam do continente no verão e ameaçam as embarcações.

“Não são icebergs iguais àqueles que parecem uma montanha, mas tabulares, às vezes, com dezenas de metros de altura e até quilômetros de extensão”, relembrou o professor Rodrigo Giesta.

Rodrigo saiu do Brasil de avião no dia 26 de novembro do ano passado e retornou em 4 de fevereiro. Durante a viagem, ele passou por Santiago, no Chile, até chegar à cidade portuária chilena de Punta Arenas. De lá, seguiu de avião até a base do Chile na Ilha do Rei George, na Antártida.

A expedição avançou em navio até a estação brasileira Comandante Ferraz e, depois, para a Ilha James Ross, passando pelo Mar de Wendell. Essa última etapa dura entre oito e 12 horas.

A travessia é feita com cuidado devido ao risco de colidir com icebergs ou ficar preso no gelo.

Do navio à ilha, os pesquisadores vão de helicóptero ou em botes. “A logística é um grande desafio. Tudo tem de ser bem planejado”, disse.

Em 2016, por causa dos icebergs, os pesquisadores não conseguiram chegar à Ilha James Ross e precisaram acampar em outro ponto da Antártida, na Ilha Snow Hill.

Além das barracas individuais, o acampamento possui uma barraca maior, onde funciona a cozinha e os pesquisadores se encontram para as reuniões. Há ainda uma barraca intermediária, em que ficam o banheiro e o depósito.

Peças vão ficar expostas em museu no Espírito Santo

A proposta do pesquisador Rodrigo Giesta é tentar lançar, ainda este ano, uma exposição no Museu de História Natural do Sul do Espírito Santo (Muses), em Jerônimo Monteiro, com achados encontrados na Antártida.

O material veio de navio e chegou recentemente ao Brasil. Agora, está sendo catalogado. A maior parte deve seguir para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, mas alguns achados devem vir para o Muses.

Ele não soube dizer qual tipo de material virá para o Espírito Santo, mas há a expectativa de que cheguem vértebras e dentes de tubarões pré-históricos, ossos de dinossauros, aves, árvores fossilizadas e invertebrados marinhos.

“É possível afirmar que algumas peças são de tubarões de grande porte, de 10 a 12 metros, pertencentes a um grupo como o do tubarão branco. Foram extintos há milhões de anos”, disse. Rodrigo viaja nos próximos dias ao Rio de Janeiro para buscar as peças pré-históricas.

ANIMAIS PRÉ-HISTÓRICOS

Aventura de um caçador de fósseis na Antártida

Pesquisador da Ufes ajuda a encontrar peças com cerca de 70 milhões de anos durante expedição ao continente congelado

Alessandro de Paula
ALEGRE

Em busca de fósseis pré-históricos, o paleontólogo Rodrigo Giesta, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), participou de expedição ao continente congelado da Antártida, onde enfrentou sensação térmica de até 16 graus negativos.

Morador de Alegre, no Sul do Estado, Rodrigo foi o único do Espírito Santo a participar do grupo de oito pesquisadores brasileiros da expedição do projeto Paleoantar, entre novembro do ano passa-

do e fevereiro deste ano.

O projeto é coordenado pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, sob comando do paleontólogo Alexander Kellner.

Juntos, os pesquisadores localizaram quase uma tonelada de fósseis escondidos sob o gelo. O material vai ajudar a repor parte dos objetos destruídos pelo incêndio no Museu Nacional em setembro do ano passado.

Entre os fósseis encontrados estão dentes e vértebras de tubarões, fragmentos de ossos de dinossauros, aves e répteis marinhos, fragmentos vegetais e de animais invertebrados – todas as peças com cerca de 70 milhões de anos.

Alguns achados também serão trazidos para o Estado e ficarão expostos no Museu de História Natural do Sul do Espírito Santo (Muses), mantido pela Ufes, em Jerônimo Monteiro, no Sul do Estado.

No total, foram cinco expedições ao continente gelado. A primeira foi realizada em 2008. As demais

ocorreram de 2015 para cá. “Eu pude participar de três: dessa expedição em 2015, quando também foi a professora Taissa Rodrigues, e nas viagens de 2017 e 2018”, explicou.

Na Antártida, a paisagem muda bruscamente. “É um choque. Parece que estamos em outro planeta. Não tem nada verde. A vegetação lá é restrita a alguns raros locais. A maior parte é formada por rocha, principalmente vulcânica e gelo”, disse.

Pela primeira vez, a expedição se dividiu. Um grupo ficou acampado na Ilha Vega. A outra equipe foi co-

“Parece que estamos em outro planeta. A vegetação lá é restrita a alguns raros locais”

Rodrigo Giesta, paleontólogo e professor da Ufes



RODRIGO com a bandeira do Estado

ordenada por Rodrigo e ficou na Ilha James Ross. Os pesquisadores dormem em barracas, de onde saem para realizar as prospecções.

Uma nova expedição está sendo organizada para o próximo verão. Como o inverno é muito rigoroso, os pesquisadores optam por visitar o continente na estação mais quente do ano, quando a neve é menos espessa e é mais claro.

“Precisamos aguardar que a neve derreta para caminhar aos locais com rochas sedimentares e fazer a prospecção atrás de fósseis”, explicou.

CURIOSIDADES

Cooperação entre Brasil e Chile

> O BRASIL ATUA na Antártida em cooperação com o Chile, país situado ao sul do continente Americano e que é o principal ponto de apoio para as expedições ao continente gelado.

> A EXPEDIÇÃO denominada Paleoantar, organizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, conta com o apoio da Marinha Brasileira, que trabalha em conjunto com a Armada Chilena.

> A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO ocorreu no verão de 2008 e contou com a participação de apenas pesquisadores do Museu Nacional do Rio.

> A SEGUNDA, em conjunto com outros estados, ocorreu em 2015.

> OUTRAS EXPEDIÇÕES se repetiram

nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Objetivos e estudos

> ALÉM DE LOCALIZAR fósseis de 70 milhões de anos, outro objetivo da

expedição é estudar a relação da Antártida com a América do Sul.

> ESTUDOS APONTAM que os dois continentes eram ligados e que os animais transitavam normalmente



PINGUINS na Antártida, onde a temperatura chega a 65 graus negativos

entre eles. Formavam o grande continente Gondwana.

Mudança climática

> NAQUELA ÉPOCA, a Antártida tinha um clima temperado. Na medida em que se afastou do Continente Americano foi esfriando e, atualmente, chega à temperatura de 65 graus negativos.

> DURANTE O INVERNO, o continente Antártico é tomado pela escuridão. No verão, a situação se inverte e são 22 horas diárias de sol e duas horas de crepúsculo.

Fonte: Paleontólogo Rodrigo Giesta e pesquisadora AT.